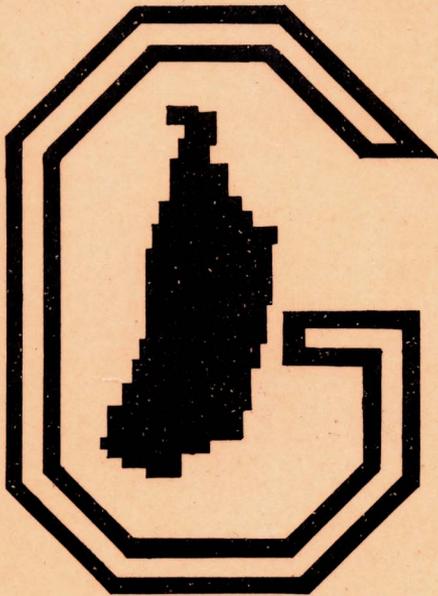


ISSN 0101-708X



UFG – IQG

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

VOL. 4/5/6 N. 1/2 – JANEIRO/DEZEMBRO 1984/85/86

CONTRIBUIÇÃO DO ELEMENTO ALIENÍGENA NOS DIVERSOS CAMPOS DE ATIVIDADE HUMANA NO ESTADO DE GOIÁS

Prof. Jan Magalinski

Membro efetivo do Instituto Polonês de Artes e
Ciências da América, sediado em Nova Iorque.

RESUMO

O texto desse artigo foi adaptado de um audio-visual produzido em 1984, contendo 115 diapositivos, posteriormente revisado e ampliado.

Na introdução ressalta a importância da técnica de História Oral na pesquisa histórica.

Trata da participação do elemento alienígena na cultura goiana. Menciona os grupos étnicos e extrai desses grupos, elementos mais expressivos que, no processo de assimilação legaram à vida sócio-cultural elementos novos.

Ao historiador as fases econômicas do Estado, cita fatores desfavoráveis à imigração na década de 20 e, ao abranger a última fase, as contribuições são mais explícitas, às vezes, ricas em detalhes.

Conclui afirmando a inexistência de conflitos a nível étnico, onde a assimilação do alienígena contribui positivamente na vida sócio-cultural do Estado.

Finalmente mostra existência de campo fértil em pesquisa etno-histórica, convidando, dessa forma, outros pesquisadores a se interessarem pelo tema.

O Estado de Goiás, antes do período da mineração, era simplesmente um caminho utilizado, relativamente conhecido, para comunicações com o norte do Brasil, e também com a região de Mato Grosso. Com a descoberta do ouro nesse território, e a fundação do Arraial de Sant'Ana em 1726, teve início a exploração intensiva do ouro — que por sinal não durou muito tempo. Com a decadência da mineração, a maioria que aqui se encontrava com o único interesse de enriquecer-se e voltar para o litoral — ou mesmo para a Europa — retiraram-se das "Minas dos Goyazes". Os que permaneceram pretendendo aí fixar residência, eram em número relativamente pequeno em comparação com a população total encontrada em Goiás no auge do ouro. Essa fixação da população teve início em 1760 — coincidindo com a decadência do ouro. Do ponto de vista eco

nômico, essa decadência praticamente forçou o surgimento de atividades agropecuárias que, bem ou mal, fixaram a população branca, negra e mestiça.

Na sociedade que então se formou, o branco ocupou, hierarquicamente, sempre os primeiros lugares, os mais importantes, e nos que se auferia maiores lucros.

Entre os brancos havia portugueses, espanhóis e paulistas; o grupo negro constituía-se de escravos vindos das diversas partes do Continente Africano e os mestiços eram o resultado da pequena parte do elemento indígena.

Onde se descobria ouro lá se instalava o povoado. As casas eram muito primitivas, feitas às pressas, de "taipa de pilão" e sua cobertura era "de sapê".

Na recém emancipada Capitania (1726-1749), cogitou-se de fazer algumas edificações de caráter definitivo. Os comerciantes mais abastados e as autoridades começaram a erguer suas residências. Entretanto, não havia construtores capazes de executar serviços de bom padrão. Foi necessário recorrer a mão-de-obra escrava para levantar essas edificações.

Na capital e em outros núcleos urbanos como Pilar, Pirenópolis, Crixás, etc., desenvolvia-se a arquitetura barroca. Só que em Goiás, devido a dificuldades diversas, principalmente à pobreza da região, não se encontraram aí certos requintes como, nas demais Capitânicas brasileiras. Como o clima de Goiás é tropical, havia necessidade de ventilação nas residências, especialmente em Vila Boa, onde o calor é maior do que em outras partes da Capitania.

Para amenizar a temperatura, nos sobrados e residências de melhor qualidade, colocava-se no vão das janelas treliças, que apareciam sob a forma de tiras de madeira harmoniosamente distribuídas, ou tábuas trabalhadas e recortadas que facilitavam a aeração da casa. Mais tarde, foram introduzidas janelas de guilhotina em cujas aberturas figurava a mica muscovita, que depois cedeu lugar ao vidro. A maioria das casas possuía corredor reentrante, costume que permaneceu por muitos anos e subsiste ainda hoje. Para os edifícios oficiais, como a Câmara e Cadeia, Igrejas e Palácio, as plantas originais vinham diretamente de Portugal. Por falta de dinheiro e de profissionais competentes, entretanto, estas plantas eram modificadas ou, melhor dizendo, simplificadas e, nessa simplificação, perdiam-se muitos detalhes dos elementos de adorno.

Quanto aos demais elementos de adorno e religiosos, eram eles constituídos tanto de prataria e ourivesaria como da estatuária vinda de Portugal e Espanha, por vias legais ou através de contrabando. A prataria e ourivesaria vinha sendo contrabandeada, das colônias espanholas, através de Mato

Grosso. As imagens, principalmente de madeira policromada, vinham para Goiãs pelo norte, leste e sudeste do Brasil. Hoje, essas preciosas antiguidades não existem em Goiãs, a não ser alguns poucos exemplares no Museu de Arte Sacra situado na antiga capital. Sairam de diversas maneiras, inclusive criminosa, do Estado, e se encontram nas mãos de diversos colecionadores particulares e museus estrangeiros.

Fazendo um pequeno resumo, podemos afirmar que portugueses e espanhóis introduziram os seguintes elementos:

- a) as treliças e demais ornamentos nas janelas;
- b) a casa de taipa de pilão, coberta de sapê;
- c) prataria, ourivesaria e estatuária.

Na fase de predomínio da pecuária (1760-1920), houve, no início, a retração da economia chegando a desumanizar os valores culturais dos habitantes permanentes devido ao isolamento em tão grande extensão geográfica. Os habitantes passaram por muitas privações, a penúria e doença deixaram marcas indelévels na população.

Vagarosamente a economia se firmou na pecuária. Muitos dos núcleos urbanos decadentes e a formação dos novos reavivaram o comércio com as Províncias do leste e do sudeste, porém com características diferentes.

Essa fase é a mais pobre, porém não deixou de registrar a presença do elemento alienígena. Essa se caracteriza pela grande penetração dos migrantes que vieram das Províncias do norte, outros penetraram pelo sudeste e sul, completando assim o fluxo migratório do século XIX.

Nos anos quarenta do século passado, o primeiro imigrante de que se tem notícias mais concretas é Dolega Czerwinski, de nacionalidade polonesa e pertencente ao exército napoleônico. Estabeleceu-se numa vasta área da Chapada dos Veadeiros onde, com pretensões muito alviçareiras dedicou-se à agricultura pecuária. Ele foi o introdutor da triticultura nessa região goiana, onde os resultados das primeiras colheitas se mostraram surpreendentes.

Sabe-se que, mais tarde, veio um pequeno grupo de italianos e se fixou na zona rural de Natividade, porém as notícias a esse respeito são muito vagas. No final dessa fase, aparecem imigrantes de várias nacionalidades, como sírio-libaneses em 1906, visitando pequenos povoados e vendendo suas mercadorias; palestinos, em 1912, dedicando-se à mesma atividade dos sírio-libaneses; italianos, em 1912, dedicando-se à lavoura de café primeiramente no Município de Anápolis. Mais tarde, Nova Veneza torna-se município, desligando-se de Anápolis e destaca-se como maior produtor de café do Brasil Central.

Como resumo, ressalta-se

- a) introdução da triticultura pelo elemento polonês acima do paralelo de 14º
- b) participação dos italianos na economia estadual, através da lavoura do café.

Ao surgir a fase da agricultura (1920) nos primórdios do século atual, quando os meios de transporte são modernizados e, por ocasião do desempenho da estrada de ferro em Goiás, há presença, cada vez mais crescente do contingente imigratório.

Se Goiás não estivesse à margem dos grandes acontecimentos políticos, sociais e econômicos, dos grandes centros do país, acredita-se que a participação de elemento alienígena fosse mais promissora. Tal fato não aconteceu devido as contingências históricas.

Com a mudança da Capital Federal (1960), com a abertura da rodovia BR-153 (Belém-Brasília) e outras, é que Goiás agilizou seus meios de transporte e se integrou mais com os centros litorâneos, em especial.

Entretanto, em 1920, apesar de os caminhos abertos para Goiás constituírem em um convite à imigração, isso na verdade não aconteceu. São vários os fatores que serviram como freio à imigração, dentre os quais destacam-se os seguintes:

- a) os cofres públicos sempre deficitários em relação ao seu orçamento, não permitindo dessa forma fazer despesas extras a título experimental;
- b) desorganização dos serviços públicos estaduais no período em que grupos imigrantes desejaram vir para Goiás;
- c) a inexperiência dos administradores públicos em relação à imigração;
- d) a falta de legislação adequada e morosidade na sua elaboração;
- e) o pensamento chauvinista que predominava na época, não deixou de exercer uma nefasta influência nos administradores goianos;
- f) carência de transporte e serviços básicos, inexistência de local para alojar em quaisquer das cidades, um número relativamente grande de pessoas;
- g) a improvisação.

Apesar desses e de outros obstáculos, houveram tentativas particulares, apoiadas pelo governo, assim como tentativas oficiais de fixar no solo goiano, de preferência, grupos de imigrantes europeus.

Neste Estado não se nota grandes grupos de imigrantes das diferentes nacionalidades, como ocorre em outras partes do Brasil, predominantemente nos Estados sulinos. Aqui o elemento alienígena chegou em pequena quantidade e somente em 1948-1950 foi o número deles superior a três mil indivíduos, que formavam o grupo dos Deslocados de Guerra. Esse grupo era constituído por várias nacionalidades. Portanto, falar de um grupo étnico, específico, nesse período, não tem sentido. Pode se destacar pessoas de diferentes nacionalidades que deram sua contribuição em diferentes campos de atividade humana no Estado de Goiás. Na construção de Goiânia, por exemplo, introduziram elementos novos, ao participarem dos trabalhos de construção da nova cidade, como também contribuíram, de modo geral, em determinadas áreas de conhecimento e na introdução de hábitos alimentares diferentes daqueles da população goiana.

Aqui vamos destacar alguns desses aspectos:

Os portugueses que para cá vieram a partir da fase de predomínio das atividades agrícolas não o fizeram com intuito de fazer fortuna fácil, mas de trabalhar juntamente com os brasileiros e outros imigrantes, desempenhando variados tipos de serviços. Alguns se dedicaram às lides horti-granjeiras (Campinas), outros à suinocultura (Itaçu), e os demais à cerâmica (Anápolis), ao comércio (Goiânia), as artes (Goiânia), etc. Hoje, muitos deles são, principalmente, representantes das firmas têxteis de São Paulo.

Elementos dessa nacionalidade com muita dificuldade abandonam seus hábitos alimentares de origem. Por isso mesmo, até hoje, os conservam em seus lares com raríssimas exceções. As mulheres, em particular, difundem, via vizinhança e pessoas interessadas, as maneiras de preparar uma bacalhoadá, bolinhos de bacalhau, filhões de natal, pão caseiro, etc. Outra contribuição são os modelos requintados de crochê, desde pequenas peças de mesa até colchas e cobertores. As goianienses admiram trabalhos desse gênero e muitas já aprenderam essa especialidades.

Na arte destaca-se os Sr. Antonio Poteiro, que começou cedo a fazer potes em Pirenópolis, transferindo-se para Goiânia onde executa suas criações em cerâmica e pintura a óleo. Ele conseguiu fundir os elementos carajá com os barroco, resultando daí um estilo goiano que muitos classificam com arte primitiva.

Os espanhóis, da mesma forma, vieram para cá para ficar. Dentre diversas atividades que desempenham em Goiás, introduziram a Procissão do Foga

reu, na Semana Santa, onde os "Farricocos", homens encapuzados percorrem as ruas com longas tochas, a procura de Jesus, para prendê-lo. Segundo informam na Antiga Capital, foram eles introduzidos pelos padres espanhóis na 1.ª década deste século. Os farricocos estão atualmente incorporados ao folclore de Vila Boa, hoje conhecida por Goiãs.

O elemento sírio-libanês e palestino, como se sabe, dedicou-se primeiramente ao comércio itinerante, e só depois se fixou nas cidades, de preferência nas de maior porte. Em Goiânia, por exemplo, na década de sessenta, surgiram alguns bares e lanchonetes com comidas típicas do oriente. Hoje temos várias lanchonetes servindo de preferência kibes. O Munif's, por exemplo, é das mais procuradas, costuma servir: kibe cru, kibe assado ou frito, Ramsthine, Kafta, charuto em folha de parreira argentina, carne de carneiro à moda árabe, beringela assada, coalhada seca e outras iguarias. Além das lanchonetes, há dois restaurantes árabes que servem a seus frequentadores comida típica dos países do Oriente Próximo, como: Tabule, Esfiha, Mijarda, etc.

Os imigrantes italianos, além de desenvolverem um número muito variado de atividades, prestaram especial contribuição na alimentação e nas artes. Das várias pizzarias e restaurantes em Goiânia, o "Italianíssimo" oferece a sua clientela algo original, como por exemplo: Caneloni, Lancha, Nhoque de batata, Ravioli, Talharini, etc.

Na arte destacou-se Frei Nazareno Confaloni. Ele foi o co-fundador da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiãs, e é considerado um dos iniciadores e estimuladores da pintura em Goiãs. Há também, uma escultora de nome Dina Cogolli que desenvolveu inicialmente suas criações em cerâmica, depois passou a esculpir em pedra e madeira, e ultimamente se dedica ao gênero abstrato em xilogravura e metal.

Os poloneses foram chegando aos poucos, fixando-se no interior e outros na capital. Daqueles que se fixaram inicialmente no interior, muitos optaram, algum tempo depois, por transferir sua residência para Goiânia. Assim temos: o Sr. Adam Doria-Dernalowicz que fundou dois cinemas, um em Ceres outro em Rialma. O Sr. Jan Wladyslaw Kaufer Wiśniowski, engenheiro cartógrafo executou serviços no interior, demarcando a Colônia Agrícola Nacional de Goiãs - CANG; em Rubiataba demarcou área para colonização, chamada "Mata Azul". Na capital, onde passou seus últimos anos, trabalhou no alinhamento de ruas e avenidas, notadamente no setor Aeroporto. Sua esposa, Janina Kaufer Wiśniowska, dedica-se à arte de pintar em porcelana e ainda executa diversos trabalhos em metaloplastica. Suas obras retratam os motivos poloneses.

O Sr. Kazimierz Bartoszewski, chegou por ocasião da construção de

Goiânia. Arquiteto recém-formado, desenhou mais de trezentos projetos de residências particulares e alguns prédios públicos, como o Museu do Estado "Zoroastro Artiaga". No interior projetou ponte e loteamentos assim como participou de estudos de urbanização.

O Eng. Janusz Gierulewicz, especializado em Cartografia e Aerofotogrametria, exerceu cargo de chefe da seção de Aerofotogrametria do Departamento de Estradas de Rodagem de Goiás - DERGO. Enquanto chefiava a Seção Cartográfica da CODEG, Goiás recebeu com sua participação, cobertura cartográfica na escala 1:100.000. Ele também corrigiu o dimensionamento da Ilha do Bananal, conferindo-lhe o formato atualmente apresentado nos mapas e cartas geográficas.

A professora Zofia Ligeza Stamirowska, formada em Belas Artes pela Universidade de Varsóvia, foi co-fundadora da Faculdade de Artes da Universidade Federal de Goiás. Era conhecedora de vários gêneros de pintura e modelagem. Antes de falecer dedicava-se ao desenvolvimento da técnica de batique em vidro.

Em fins de 1948 chegaram os Deslocados de Guerra. Embora não tenham dado uma contribuição com características especiais, eles se integraram na comunidade local, e eram muito procurados pela população para prestar serviços considerados, na época, pelas comunidades que os acolheram, porque não havia, em Goiás, profissionais com a experiência que possuíam em atividades como carpintaria, marcenaria, salsicharia, ferraria, tornos mecânicos, etc.

O Sr. Ganzriegler do grupo húngaro, após ter fracassado a experiência de cooperativismo no município de Itaberaí, veio para Goiânia e deu início, em Campinas, a uma pequena fábrica de derivados de carne com o nome de Salsicharia Vitória. Aos poucos a fábrica foi crescendo. Ele introduziu no mercado goianiense e na região vizinha novos tipos de derivados de carne, preparados à moda húngara: Gudiguinho, Salsichinho húngaro, Presunto cosido, Pê recheado e outros. Tentou também comercializar produtos como: Patê de fígado, Chouriço, Galantina, Lombo defumado, etc. todos à moda húngara, mas devido aos elevados preços as encomendas eram poucas e foi obrigado a sustar sua produção. Hoje, ele produz mais de 24 (vinte e quatro) produtos, inclusive aqueles que antigamente, vinham de São Paulo, Rio de Janeiro, Paranã, etc. Está no momento, instalando maquinaria nova que vai produzir Presunto batido e outros produtos. Dessa forma Goiás nada fica a dever às indústrias no gênero em outros Estados.

Outros industriais de diferentes grupos étnicos tentaram introduzir elementos novos no mercado, mas tiveram que optar pela mercadoria mais co

nhecida e vendável na região, como aconteceu com o Sr. Johan Kovaciu, romeno, fabricante de móveis de aço.

Do grupo de alemães destaca-se o professor Gustav H. Ritter, co-fundador da Faculdade de Arte da Universidade Federal de Goiás. Dedicou-se à pintura em aquarela e à escultura em madeira, preferencialmente em pau brasil. Outros desempenharam serviços técnicos por ocasião da construção da mais jo vem capital dos Estados.

Goiás conheceu poucos integrantes do grupo de origem russa. Destes, alguns foram extremamente benéficos à cultura goiana. O Prof. Dr. Valerian Znamenskiy, por exemplo, foi Diretor do Departamento de Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura do Estado de Goiás. Pesquisador respeitável em ciências agrônômicas, escreveu três livros a respeito de suas experiências realizadas no cerrado goiano. Sua contribuição é valiosa pois foi o primeiro pesquisador a realizar estudos sobre o cerrado, de forma científica.

Quanto aos Japoneses, uma grande colônia deles radicou-se em Goiânia e também em muitos municípios goianos. Sabe-se de várias contribuições dessa etnia, porém o tempo não foi suficiente para pesquisá-la em profundidade. Sabe-se, entretanto, que artes marciais, como Judô, Karatê e outras modalidades, foram introduzidas por eles. Um japonês, o Sr. Felipe Tomatsu, procedente da região de Nagomo, dedica-se em Goiânia, ao arranjo de flores vivas e desidratadas. Há também famílias japonesas dedicando-se a viveiros e floriculturas.

O povo goiano produz um tipo de cerâmica habitualmente bastante rústico. Alguns já utilizam o torno. O japonês começou também a trabalhar com cerâmica, e conseguiu produzir material, mas com técnicas próprias, objetos muito mais delicados e de espessura bem mais fina que a das pelas originais de Goiás.

Os gregos, por sua vez, introduziram em Goiânia, em 1958, o franco assado com o tempero à moda grega, hoje largamente utilizado em muitas cidades do interior goiano. Há cinco anos atrás, houve boa aceitação de um tira-gosto à grega, conhecido mais pelo nome de "Churrasco Grego" (Tchuvlárkia) introduzido pelo Sr. Antônio Stefano Minadakis. Entretanto, o alto custo do mesmo inviabilizou sua permanência. Desde 1966, o artista plástico, Sr. Angelo André Ktenas dedica-se à escultura e modelagem.

Um dos mais novos grupos de imigração para Goiás, os chineses, introduziram pelo menos dois elementos novos. O primeiro, na área de medicina, através de dois profissionais dessa nacionalidade que praticam a técnica milenar da acupuntura e massagens para diversos fins. O segundo, através de cu

linária. Temos como exemplo o restaurante "Muralha Chinesa", que serve comida típica, como: Carne de porco agri-doce, Ma-Pu-Tofu, Sopa de Wen Tum, To-fu cru com molho de gengibre, Frango xadrez com broto de bambu e champignon, etc.

Como breve resumo dessa fase, temos as seguintes contribuições de imigrantes de diversas nacionalidades:

- a) alimentação, artesanato e arte - portugueses
- b) alimentação - sírio-libanês
- c) alimentação e arte - italiano
- d) técnica, ciência e arte - polonês
- e) alimentação - húngaro
- f) técnica - romeno
- g) técnica e arte - alemão
- h) ciência - russo
- i) esporte, técnica e arte - japonês
- j) alimentação, arte e técnica - grego
- k) alimentação e ciência - chinês.

CONCLUSÃO

Acredita-se que existam outras contribuições, tanto por parte das nacionalidades acima mencionadas como de outras. Entretanto, esta é uma primeira tentativa de abordar o problema sob este prisma no Estado de Goiás.

Como se nota, Goiás não possui grande número nem grande variedade étnica como ocorre com certas unidades federativas do sudeste e sul do Brasil. Entretanto, esse mosaico está presente entre nós, muito diluído, quase imperceptível aos leigos.

Esses elementos de diversas etnias vivem notadamente no meio urbano, não conservam mais seu estilo de vida próprio, nem tampouco seus costumes e tradições. Excepcionalmente aparecem grupos que através da religião ainda mantêm os costumes originais. Vivem porém isolamento premeditado em função da preservação de seus valores étnico-religiosos.

Não se tem notado, em Goiás, conflitos a nível étnico. Todos aqueles de que se tem notícias passaram por um processo de assimilação, isto é, unificação das características culturais e atitudes por parte dos alienígenas.

Essa síntese de atividades e valores tem contribuído positivamente na vida sócio-cultural na parte setentrional do Estado, em particular.

Espera-se que este trabalho possa servir de ponto de partida para outros, de maior profundidade e de detalhamento, e sirva também de estímulo para que outras pessoas passem a se interessar pelo tema e ampliar as pesquisas sobre o mesmo, visto que o campo é rico em dados e as descobertas possivelmente sejam surpreendentes para a História de Goiás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

a) Escritas

- BRITO, Maria Helena de Oliveira. (1981). A Colonização Alemã de Uvã - uma tentativa oficial de colonização em Goiás. Goiânia. Dissertação de Mestrado no ICHL da UFG. Xerografado, il.
- MAGALINSKI, Jan. (1980). Deslocados de Guerra em Goiás - imigração polonesa em Itaberaí. Goiânia. Imprensa da UFG, 222 p., il.
- _____. (1985). Comunidade Ortodoxa Russa em Goiânia. 150 p. il. ditilografado, (inédito).
- _____. Imigração Alemã em Goiás, in: Boletim do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG. (No prelo)
- _____. (1984). Os Imigrantes Poloneses no Brasil, in: Jornal do Imigrante, São Paulo-SP, fev/mar, pág. 10, col. 1 a 6.
- _____. Elemento alienígena e sua contribuição na construção de Goiânia, in: Boletim Goiano de Geografia do IQG da UFG, (no prelo).
- _____. Imigração em Goiás, in: Boletim Goiano de Geografia do IQG da UFG, (no prelo).
- _____. (1982). Estudo sobre o Processo de Desenvolvimento do Estado de Goiás, in: Boletim Goiano de Geografia do IQG da UFG, Goiânia. dez, p. 5-53.
- MAGALINSKI, Jan e MAGALINSKI, Júlia Maria. (1984). Imigração Polonesa às Terras de Goiás, in: Jornal "Lud", Curitiba-PR, 15 maio, ano LXIV, p. 8, col. 1 a 3.

b) Orais

COGOLLI, Dina
GIERULEWICZ, Janusz

SARAIVA, Maria Sara
SCHUH, Teresa

KTENAS, Ângelo André

MAGALINSKI, Janina

POTEIRO, Antônio

TOMATSU, Felipe

WISNIEWSKA, Janina Kaufer.

